

Oxalá novas escavações possam ser feitas na gruta para colheita de novos materiais ósseos e arqueológicos que nos dêem mais esclarecimentos sobre as várias culturas nela representadas, bem como sobre a sua cronologia.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Fac. de Ciências da Univ. do Porto
Fevereiro de 1968.

AGOSTINHO F. ISIDORO

Naturalista

O castro de Sabrosa

A meu Pai, Joaquim de Carvalho Ervedosa, pelo grande interesse manifestado nas explorações do castro de Sabrosa e pelo incitamento dado às mesmas.

O. D. C.

1. *Nota descritiva*

O *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo*, como é hoje vulgarmente conhecido o *Castelo da Sancha*, velha designação caída em desuso e proveniente da vizinha e antiquíssima aldeia da Sancha, é um arruinado castro erguido na extremidade oriental da «serra» do Criveiro (Fig. 1). Desde longa data vem sendo vítima da inclemência dos tempos e da acção dos homens que nas suas muralhas e paredes de habitações têm facilmente encontrado a pedra talhada para as suas construções, ou o campo de pesquisas de hipotéticos e sonhados tesouros.

Este castro, localizado no concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real, fica 2 km a norte daquela vila, sobranceiro à estrada que segue para a Balsa, e está implantado em terrenos pertencentes à Junta da Freguesia de Sabrosa. A sua cota máxima é de 665 metros em relação ao nível médio do mar.

No seu solo, sobre a massa granítica em que assenta, estende-se uma camada de *salão*, areias esbranquiçadas resultantes da alteração daquela rocha, e sobre ele um manto de terra vegetal, escura, onde se desenvolve uma flora de pequeno porte, como fetos, tojos, carquejas, queirogas, urzes, giestas, rosmaninhos e outros arbustos da serra. O subsolo é rico em minério de estanho e volfrâmio.

À sua volta espraia-se o maravilhoso e variado panorama duma zona de transição: a oriente e a sul, a quente e doce paisa-

gem do Alto-Douro, de xisto e vinhas em socalcos; a norte e a ocidente, as silhuetas agrestes dos maciços graníticos trasmontanos. A seus pés, envolvendo-o em parte, corre hoje a fita cinzenta da estrada que liga Sabrosa à Balsa, entroncamento para as terras distantes do nordeste. Encostando-se à serra, do lado norte, silenciosa no estio e rumorejante no inverno, desliza a ribeira da Veiga que forneceu água aos castrejos e rega os campos de cereais que vicejam nos seus lameiros.

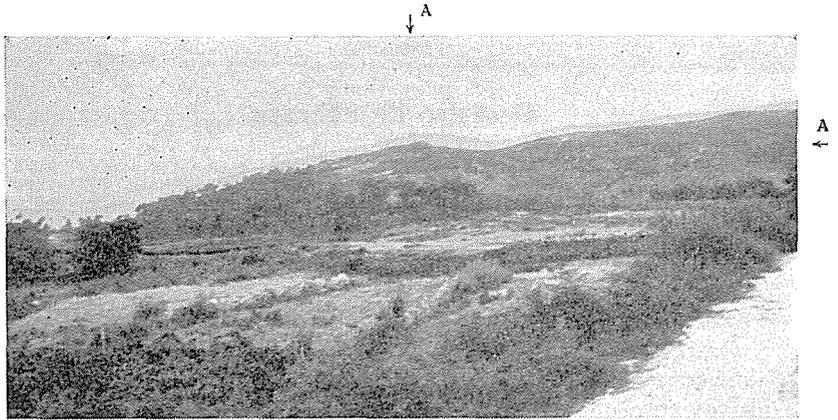


Fig. 1 — Aspecto da vertente norte da chamada serra do Criveiro.
As setas AA indicam a localização do castro.

Deste castro nos temos vindo a ocupar desde que, como aluno da cadeira de Antropologia Geral, regida pelo Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, nos foi inculcido o gosto e o interesse pelos problemas de arqueologia e, posteriormente, como modesto colaborador do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto, continuámos a trabalhar sob a sua orientação.

Importa desde já aqui assinalar, que esta breve nota descritiva do castro é produto duma observação superficial, sujeita, por isso, às revisões que os futuros trabalhos de escavação hão-de forçosamente determinar.

O castro de Sabrosa, tal como os restantes que abundam pelo norte de Portugal e pela Galiza, é um antigo aglomerado populacional, fortificado, no alto dum monte, cuja idade pode remontar a tempos bem recuados.

O grande arqueólogo que foi o Dr. LEITE DE VASCONCELLOS, calcula que já nos tempos neolíticos os antigos Lusitanos residissem nos castros (1), e o nosso mestre, Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, em recente trabalho de arqueologia (2), diz-nos que eles são a expressão topográfica ou geográfico-cultural dum estilo de vida que durou pelo menos 1000 anos (séc. VIII a. C. ao II-III depois de Cristo) e teve o seu apogeu na II Idade do Ferro (post-halstático) nos 3 séculos antes de Cristo e nos primeiros da nossa era.

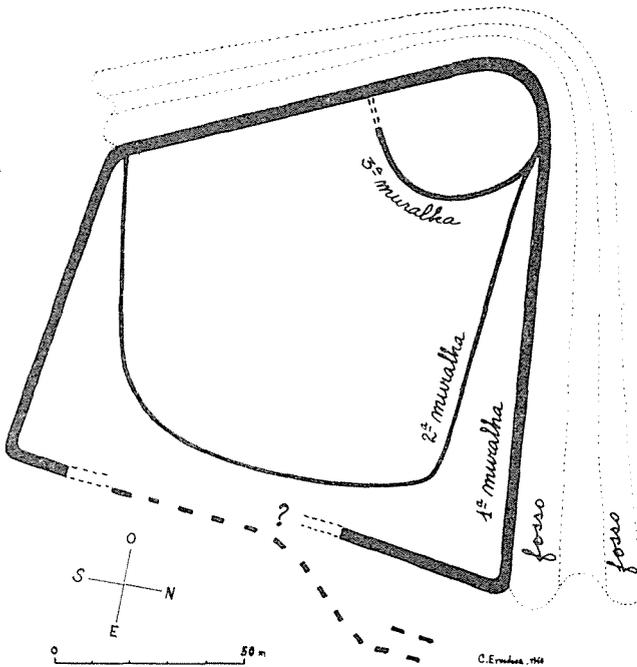


Fig. 2 — Esquema do castro de Sabrosa com a indicação das três fiadas de muralhas e dois fossos.

O castro de Sabrosa, exposto a nascente, tem a configuração dum quadrilátero (Fig. 2), com o vértice cimeiro virado a NO,

(1) LEITE DE VASCONCELLOS (J.) — *Povoações portuguesas vindas do passado*, pág. 190, in «O Archeologo Português», Vol. XXIX, Lisboa, 1933, págs. 189 a 299 e 10 figs.

(2) SANTOS JÚNIOR (J. R.) — *Duas campanhas de escavações no castro de Carvalhos*, pág. 181, separata dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Vol. xx, fasc. 1-2, Porto, 1965-1966, págs. 181 a 190 e 9 figs.

outro a *SO*, o terceiro a *SE* e o quarto apontado a *NE*, e quatro lados que, para facilidade de exposição, designaremos por lado norte, lado poente, lado sul e lado nascente.

As muralhas, duma maneira geral, encontram-se arrasadas até ao nível do solo, mas são denunciadas, em toda a sua extensão, por fiadas de pedra solta. PINHO LEAL, na sua monumental obra *Portugal Antigo e Moderno* (1), refere que ainda no princípio do século passado *tinham as paredes do castello, 2, 3, e algumas 4 metros de altura.*

A primeira muralha de defesa, do lado de fora, com três a quatro metros de espessura, corre, do lado poente, ao longo do alto do cabeço em que se ergue o castro, descendo do vértice *NO* para o *SO*, numa extensão de 90 metros. Neste vértice, a muralha muda de direcção, formando o lado sul com 82 metros de comprimento. Do lado nascente a muralha só se observa em pequenas extensões junto aos vértices *SE* e *NE*; ou foi destruída, ou não chegou a ser levantada, aproveitando os castrejos a escarpa e as fragas da serra que ali funcionam como uma defesa natural.

Do vértice *NO*, arredondado numa extensão de 44 metros e onde se situa o ponto mais alto do castro, a muralha desce rectilíneamente pela encosta abaixo, numa extensão de 110 metros, formando ao fundo o vértice *NE*.

Esta primeira muralha de defesa apresenta a norte e num pequeno troço a nascente, ao nível do solo, uma face externa com pedras afeiçoadas, sobrepostas em alinhamentos horizontais (Fig. 3), talhadas segundo o processo habitual nos nossos castros, ou seja, em forma de cunha, com uma face rectangular, picada. PINHO LEAL diz-nos que *nas pedras faceadas de que o castello foi construido, veem-se umas garatujas, abertas a cinzel, que mais parecem signaes dos pedreiros que as lavraram, do que letras.* Até agora ainda não encontrámos qualquer dessas siglas, o que não será de estranhar por nos encontrarmos no início dos trabalhos de exploração deste castro.

Além da face externa de pedra talhada, a muralha apresenta um enchimento de pedra informe que completa a sua espessura. Nos flancos sul e ponte, aonde mais facilmente tinham acesso os carros que iam ao castro buscar pedra, desapareceu toda a face externa, restando apenas o enchimento. Refere PINHO LEAL naquela citada obra, datada de 1879, que *os restos do castello e*

(1) PINHO LEAL (A. S. A. B.) — *Portugal antigo e moderno*, pág. 172, Vol. VIII, Lisboa, 1878.

dos casebres, desapareceram ha cinco ou seis annos, porque os seus materiaes foram applicados para calçar as ruas da villa. E acrescenta: ha dois ou trez séculos, que a maior parte das casas de Sabrosa, teem sido feitas com os restos venerandos de construcções antigas.

Mas a destruição do castro, infelizmente, não ficou por aí. Ela tem prosseguido ainda nos nossos dias. Segundo nos foi revelado, há cerca de vinte anos, para se murarem algumas proprie-



Fig. 3 — Troço da primeira muralha do lado norte.

dades, foi levado do castro pedra no total aproximado de trezentos carros de bois. E restos de pedra, britada recentemente, indicam-nos que a delapidação tem continuado e continuará, se quem de direito não tomar urgentemente as medidas que se impõem para a defesa do que resta deste histórico monumento.

O Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, que inúmeras vezes se tem levantado em defesa dos nossos castros, deu início ao processo que em breve elevará o castro de Sabrosa à categoria de imóvel de interesse público. *Os castros bem merecem ser defendidos e valorizados*, proclama, e argumenta: *as sociedades indígenas cas-*

trejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base estreme em que troncou sólida e firme a nacionalidade portuguesa. E conclui: assim, estudar os castros e a cultura castreja, é fazer nacionalismo e do mais são (1), porque neles mergulham velhas raízes da nacionalidade portuguesa.

Um duplo fosso, exterior à muralha (Fig. 4), defende os flancos norte e poente do castro, que se apresentavam mais vulneráveis aos ataques do inimigo. Nos seus fundos se encontra muita pedra solta, rolada das muralhas. Na base do vértice NO da muralha, junto ao fosso, encontra-se a boca circular dum pre-

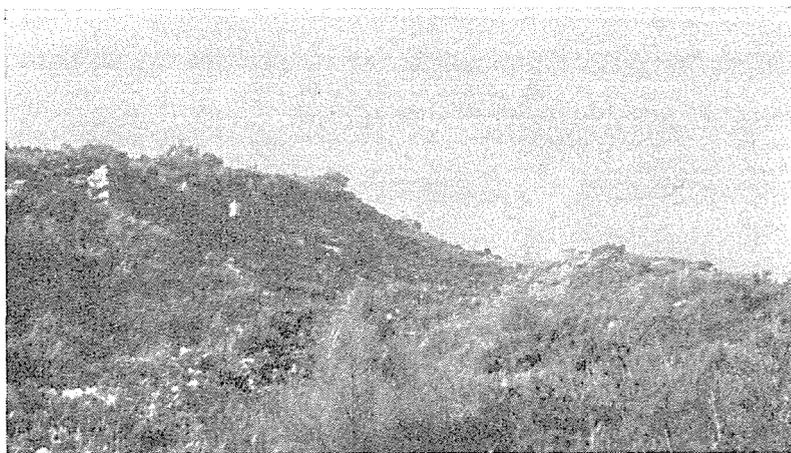


Fig. 4 — Um aspecto do fosso do lado norte.

sumível poço entulhado. PINHO LEAL prossequindo na interessante descrição do castro de Sabrosa, escreve: *Esta cisterna, poço, ou galeria, é entre a muralha e o fosso, de maneira que em tempo de guerra, era vedada esta serventia, aos defensores do castello. Quando a entrada d'este poço estava menos entupida, alguns homens corajosos desceram até bastante profundidade, mas não conseguiram chegar ao fim, porque a acumulação dos gases, lhes abafava a respiração, e apagava as luzes.*

É voz corrente nesta vila, e foi-nos dito com a maior convicção, que esse poço era a porta de entrada duma extensa galeria subterrâ-

(1) SANTOS JÚNIOR (J. R.) — *Duas campanhas de escavações no castro de Carvalhelhos*, cit., pág. 181.

nea com cerca de 1 km ligando o castro de Sabrosa ao vizinho castro de Cheires que se levanta na encosta fronteira, a nascente, em alcantilado outeiro granítico da margem esquerda do rio Pinhão. Conta-se também, que certa vez determinado padre se atreveu a descer à galeria, aonde encontrou duas estátuas, mas apanhou um susto de tal ordem que só conseguiu voltar à superfície agarrado à cauda do cão que o acompanhava.

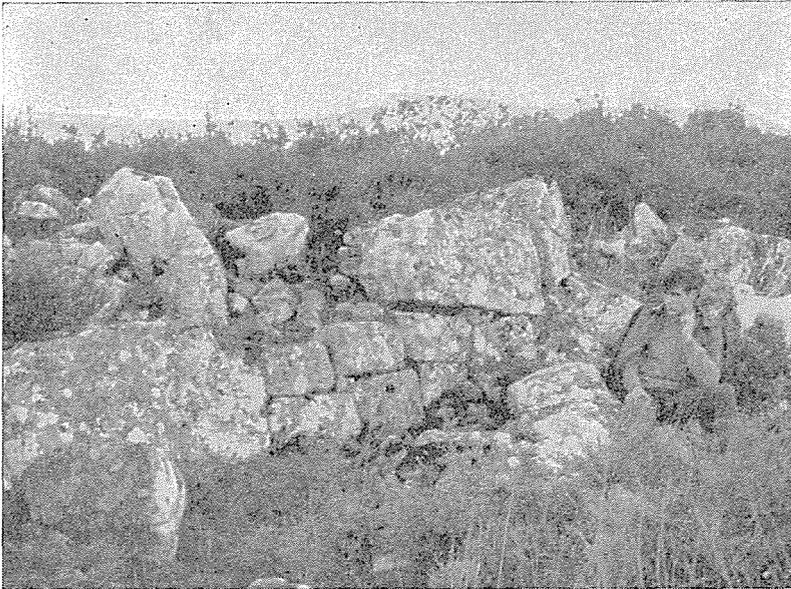


Fig. 5 — Aspecto duma porção da segunda muralha.

Deixemos, porém, o campo da fantasia popular e voltemos pròpriamente ao castro.

Para dentro da primeira linha de muralha há uma segunda (Fig. 5), de menor espessura, também de pedra faceada e igualmente derruída, que além da função defensiva, suporta os terrenos suprajacentes, ocupados pela zona residencial, como o atestam os restos das variadas habitações de forma circular e rectangular, sugeridas pela disposição das pedras no terreno.

No canto mais alto do castro, ou seja, no seu vértice *NO*, encontramos um novo muro de suporte (Fig. 6), circular, com 60 metros de extensão, delimitando um terreno em que afloram

algumas saliências rochosas. Numa delas, que apresenta uma face aplanada, pode-se observar um grupo de pequenas covinhas intencionalmente cavadas na rocha, agrupadas em forma de constelação, com um fim ou significado que escapa à nossa compreensão. Planta do castelo? Posição relativa dos outros castros que o rodeiam? Eis aqui um problema que poderá dar asas à imaginação dos arqueólogos.



Fig. 6 — Muro de suporte ou terceira muralha do reduto cimeiro do castro.

Também PINHO LEAL escreve, contado por alguns velhos da terra, que *sobre a pequena e completamente destruída parte do castello havia uma inscrição em caracteres para elles desconhecidos; e em letras romanas, a palavra PARALIO, seguida de outras ilegíveis. E o autor, procurando uma interpretação, deduzia: com efeito, os latinos davam o nome de paralios, aos povos que habitavam nas margens dos rios, e é provável que a última letra (o S), estivesse apagada, e que a palavra fosse paralios.*

Ainda no terraço a que, acima nos íamos referindo, existe no seu ponto mais elevado, que é precisamente no vértice *NO* do castro, um grande amontoado de pedra informe, disposto em círculo, fazendo lembrar duas casas circulares que se tivessem desmoronado.

Não distinguimos, até agora, qualquer porta. A esse respeito diz-nos PINHO LEAL: . . . *esta pequena fortaleza é de forma quase triangular, tendo em um dos ângulos, o seu ponto mais elevado, e era no vértice d'este ângulo a porta, cuja entrada se acha obstruída.*

Pelo que verificámos neste ponto e pelas sondagens que já ali realizámos, embora ligeiras e cautelosas, pomos as nossas reticências nesta informação.

No solo, aparecem à superfície numerosos fragmentos de cerâmica, desde *tegulae* e *imbrices*, primeiras e indiscutíveis provas da romanização do castro, a cacos de vasilhame variado sem ornamentação.

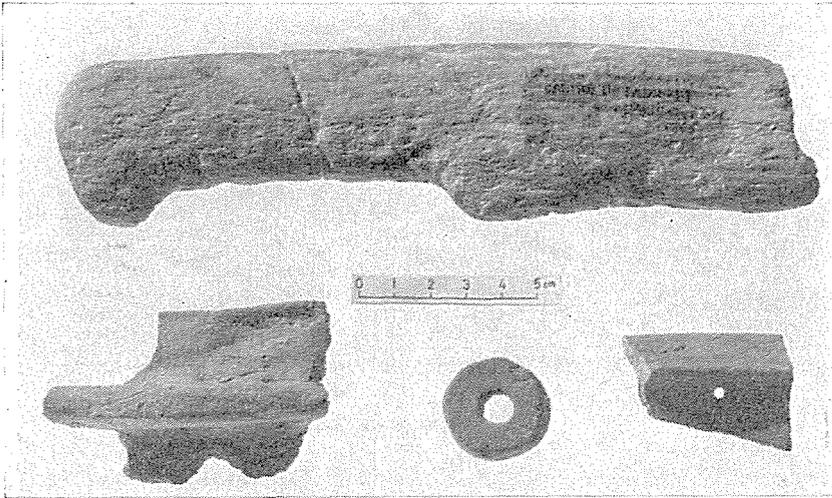


Fig. 7 — Porção duma singular faca de pedra (gneisse), um cossoiro e dois fragmentos de cerâmica.

Também ali foi encontrado há alguns anos, por uns garotos que andavam na apanha do mato, uma faca talhada em gneisse, que nos garantiram estava inteira e em perfeito estado de conservação, mas que os miúdos na sua desculpável irresponsabilidade, quebraram e dispersaram os seus fragmentos, sendo apenas recuperada a porção correspondente ao cabo (Fig. 7), que nos foi entregue e está agora no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto. Soubemos ainda da existência de outros achados, como uma pedra de anel e uma fíbula, mas não nos foi possível descobrir o caminho que levaram.

Sobre achados, conta-nos ainda PINHO LEAL que à volta do castello viam-se restos da antiga povoação, isto é, paredes toscamente construídas, formando pequenos casebres. Em uma escavação feita perto d'este lugar, foi achada uma antiga forja de ferreiro, ainda com alguns instrumentos deste officio, bem conservados, e um tubo de barro, que parece ter servido para conduzir agua para a officina. Um pouco mais distante, se acharam vestígios de sepulturas antiquíssimas.



Fig. 8 — Trabalhos de pesquisa do alinhamento da muralha do lado poente.

Escusado seria acrescentar que tudo se perdeu. Só a necrópole, da qual já ninguém se recorda, poderá ser, com um pouco de trabalho e sorte, reencontrada e devidamente estudada.

2. Resultados da 1.^a campanha

A história do castro de Sabrosa e das suas populações só poderá fazer-se a partir das indispensáveis escavações e da interpretação dos seus diferentes estratos arqueológicos. Será nessas

camadas, folhas dum livro único que o arqueólogo irá cautelosamente abrindo, que se poderá ler toda a sua história, as vicissitudes por que passou e a evolução cultural das sucessivas gerações que ali viveram, através dos elementos materiais de que se serviram.

Nesse sentido, solicitámos autorização aos Serviços competentes do Ministério da Educação Nacional para, sob a orientação do Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, procedermos às necessárias escavações.



Fig. 9 — Forno (?) lajeado visto do lado sudoeste.

Satisfeita a nossa pretensão pelos serviços oficiais e de posse dum pequeno subsídio concedido pelo Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», demos início no mês de Agosto do ano transacto aos primeiros trabalhos de campo. O nosso plano consistia numa exploração geral da superfície e no reconhecimento de muralhas e muros, de maneira a ficarmos com uma ideia da planta e dos limites do castro, ponto de partida para futuros trabalhos de maior vulto, como escavações, cortes, cirandagem, reconstituição de paredes, levantamento da carta topográfica, etc.

De acordo com o plano previamente estudado, começámos por traçar o esboço da planta do castro (Fig. 2), servindo-nos, na falta duma prancheta topográfica, duma bússola e duma fita métrica que nos deram as direcções e os comprimentos aproximados das muralhas.

Fomos seguidamente pesquisar a primeira muralha de defesa, periférica, no flanco poente do castro, denunciada pelo amontoado de pedra e terra. Era nossa intenção encontrar a face externa da

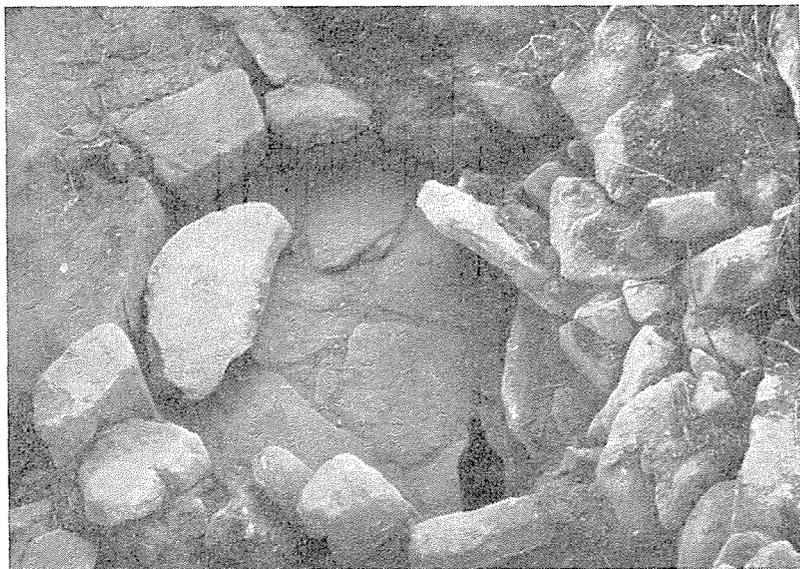


Fig. 10 — O forno (?) da fig. 9 visto do lado leste.

muralha, de pedra aparelhada e encaixada, como é habitual, de modo a obtermos o seu verdadeiro alinhamento. Mas embora tivéssemos escavado e levantado pedra numa extensão de alguns metros (Fig. 8), não demos com ela, tendo surgido uma espécie de degrau, que nos pareceu tratar-se da base em que assentavam as pedras talhadas, dali arrancadas e levadas para as obras da vila.

Ainda com a ideia de definirmos o alinhamento da mesma muralha, mas pela sua parte interna, passámos a trabalhar do lado de dentro do castro, arrumando sobre a muralha a pedra solta que se estendia sobre o terreno, mas aí deparámos com uma

zona habitacional, cujas casas devem encontrar-se encostadas à muralha. Encontrámos uma possível cozinha pois em alguns recantos aparecem inúmeros e pequenos pedaços de carvão; uma pequena construção, circular, de chão lajeado, fazendo lembrar o lastro dum forno (Fig. 9), mais nos arreigou a ideia da cozinha.

Porque o nosso plano consistia apenas no reconhecimento de muralhas e muros, abandonámos aquela zona residencial e, ainda com a esperança de encontrarmos a face externa da muralha, a poente, num dia em que tivemos a visita do Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, reiniciámos as pesquisas a partir do seu lado norte, num ponto em que aflora à superfície um lanço da muralha, com a sua face externa intacta. A partir dele escavámos numa extensão de trinta e dois metros, seguindo o alicerce e pondo a descoberto o seu alinhamento (Fig. 3). Mas depois da curva que forma o vértice *NO* do castro e se inicia o seu lado poente, desaparecem totalmente as pedras afeiçoadas.

Trabalhámos ainda, durante esta pequena campanha, no muro de suporte que delimita o terraço do canto superior do castro (Fig. 6), removendo a pedra que encobria a sua face. Apareceram-nos aí, junto ao muro, alguns fragmentos de cerâmica sem interesse, uma pequena pedra de afiar feita dum seixo do rio, e dois cossoiros de barro, um inteiro (Fig. 7) e o outro partido. Este muro de suporte encontra-se desalinhado, zigzagueante, por muitas das suas pedras, inclusive dos alicerces, se terem deslocado da posição inicial pela infiltração das águas e peso que suportam. Na altura oportuna, com o auxílio de pedreiros, iremos procurar acertá-lo, restituindo-lhe a sua linha original.

Durante os trabalhos neste muro tivemos a visita do Sr. Dr. OSVALDO FREIRE que, com a sua experiência nestes assuntos, também nos ajudou na resolução de alguns problemas que surgiram. Um deles trata-se da possível existência duma porta que, no entanto, por demasiado hipotética, ficou em suspenso.

Porto, Janeiro de 1968.

CARLOS M. N. ERVEDOSA

Finalista do Curso de Ciências Geológicas
da Fac. de Ciências da Univ. do Porto
